

Os Desencantamentos do Mundo, em Max Weber

Disenchantment of the World by Max Weber

Wantuil Miguel de Barcelos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é pôr um foco de luz no desencantamento do mundo preconizado por Max Weber, tendo como fundamento três eixos: a religião protestante, a ciência e o modo de produção capitalista. Estas três "instituições" pretendem conceber visões de mundo que formatem os homens aos seus serviços e interesses. A religião ao engendrar teorias teológicas que difundem o paraíso, onde habitará o homem santo, cria um mundo de danação terrena, um lugar de passagem. Já a ciência pretende relacionar com a terra somente do ponto de uma matéria, que deve ser estudada, manuseada para produzir bens indispensáveis à manutenção da vida. O capitalismo pretende produzir para a consecução do lucro, da riqueza. Dentro destes contextos o mundo perde o encantamento, e isto pode ser a fonte de benefícios e malefícios ao meio ambiente, que serão clarificados ao longo do texto.

Palavras-chave: mundo, desencantamento, religião, capitalismo, ciência, lucro e fé.

ABSTRACT

The objective of this work is to shed light on the disenchantment of the world advocated by Max Weber, based on three axes: the Protestant religion, science and the capitalist mode of production. These three "institutions" intend to conceive visions of the world that shape men to their services and interests. Religion, by engendering theological theories that spread paradise, where the holy man will live, creates a world of earthly damnation, a place of passage. Science, on the other hand, intends to relate

¹ *Bacharel em Jornalismo – Unibh; Licenciado em Filosofia – UFMG; Mestre em Filosofia - UFMG

to the earth only from the point of view of a matter, which must be studied, handled in order to produce goods that are indispensable for the maintenance of life. Capitalism intends to produce to achieve profit, wealth. Within these contexts, the world loses its enchantment, and this can be the source of benefits and harm to the environment, which will be clarified throughout the text.

Keywords: world, disenchantment, religion, capitalism, science, profit and faith.

Ao longo da história primitiva da civilização humana, o homem criou uma profusão enorme de rituais mágicos (preces, danças, cânticos, adornos, oferendas, etc), para que pudessem garantir a sua sobrevivência sob duas perspectivas: a primeira situa-se na esfera de suas relações com a vida e a morte. Para escapar da transitoriedade da vida terrena, foi necessário criar um vínculo com deidades da natureza para a partir de oferendas e rituais mágicos tivesse a certitude, por pura crença, vista sob a égide de uma *religiosidade natural*, de uma vida eterna. Isto explica, parcialmente, o motivo de funerais, onde o homem era sepultado com alguns bens materiais, que foram imprescindíveis durante toda à sua vida, para que no trajeto de sua ida para a eternidade nada lhe faltasse, bem como para ele se conduzir alegre e digno de estar ao lado de uma divindade qualquer. A segunda: para vencer as intempéries da natureza foi preciso desenvolver ferramentas, ainda que rústicas, para poder dominá-la e, conseqüentemente, manter-se vivo num ambiente totalmente inóspito. A descoberta do fogo tornou-se numa ferramenta poderosa para as suas ambições. Mas mesmo assim foram insuficientes para se domar o espectro contingencial da natureza. Os rituais mágicos cumpriram bem esta função, bastava para isso, a título de metáfora, oferecer uma prenda para uma ave, para uma árvore, para um rio, montanha ou acender uma fogueira, que todos os males e necessidades estavam sanadas.

Com o fluxo de séculos de conquistas nos campos “tecnológico” e religioso, o homem deu um salto quantitativo e qualitativo na sua relação com a vida-morte e com a natureza: produziu ferramentas com o ferro, criou uma *religiosidade totêmica* (imagens esculpidas em madeira ou pedra) e racionalizou diversas atividades ligadas ao setor primário, agricultura e pecuária. Contudo, estas evoluções não garantiram ao homem uma maior certeza para a conservação de sua vida. A natureza permanecia uma grande incógnita para o pequeno universo do conhecimento humano. Para dominá-la, fazia-se necessário fazer oferendas e súplicas para os totens que emergiam do mundo simbólico, imagético, do homem. Estes rituais estruturaram uma sociedade, mas não conseguiram organizar o acaso da natureza, menos ainda prover as necessidades do homem por um longo e incerto tempo, isto porque a produção era incipiente em função da pouca racionalidade dos processos produtivos.

A primeira sociedade a combater a magia foi a judaica. Os judeus criaram uma religião monoteísta, com uma forte base de racionalidade, fundamentada em conhecimentos revelados aos profetas eleitos por Deus. A partir de então a economia capitalista teve um alicerce sólido para desenvolver-se: a racionalidade, e a sociedade, uma coesão coercitiva traspassada pelas leis de Deus. O homem, pela fé ou pelas obras, ou por ambas, terá um lugar garantido ao lado do Criador onipotente, onisciente e onipresente. A economia obteve um desenvolvimento enorme no decorrer dos anos, em função de uma racionalidade “científica”, que alargou os métodos de produção e as fronteiras de comercialização. É o princípio da economia de mercado e o início da decadência da economia de subsistência. Desta forma o homem tem uma maior garantia para as vidas na terra e na eternidade, bem como meios mais eficazes para domesticar o fluxo contingencial da natureza, para colocá-lo nas formas dos fatos entrelaçados causalmente, ainda que este fluxo dirija-se para o infinito. Esta perspectiva racionalista fez com que o homem se sinta o “criador do conhecimento”,

e este “conhecimento do criador”² faz do homem um ser onipotente para conhecer somente aquilo que ele cria, em conseqüência a natureza transformada pela ação humana. Este homem “Demiurgo” (deus construtor) não alterou somente a sua relação com a natureza, mas também, de forma acentuada e substancial, a sua relação social, principalmente no campo da religião e da ciência, tendo a razão como fonte geradora e organizadora das atividades humanas. O judaísmo e o catolicismo foram um fundamento da racionalização e o calvinismo o fim, como veremos mais adiante.

Resta então, após esta exposição superficial da trajetória do homem ocidental no domínio da religião e no uso da razão, indagar quais foram as conseqüências deste processo evolutivo e contínuo de racionalização na vida do homem. Qual é a visão de mundo que ficou em função deste quadro de racionalidade? Como que uma religião racional pode abarcar as ambições do homem de imortalidade? A religião, mesmo sendo crivada pela razão, não tem uma relação amistosa com a ciência, então há que se perguntar: não é um paradoxo num mundo de racionalidade oferecer ao homem um lugar na eternidade, espaço este que não é passível de demonstração racional ou empírica? Qual é a função da ciência neste mundo desmagificado e domesticado pela própria razão?

A nossa proposta para estas indagações dar-se-á da seguinte maneira: primeiro, o homem, ao colocar a razão no centro da cultura ocidental, criou uma religião fundada na razão e em princípios revelados. Segundo, a religião racional combateu com tenacidade os processos mágicos que encantavam o mundo; terceiro, o mundo sem rituais mágicos é um mundo desencantado e em quarto lugar: a ciência, num atributo de máxima racionalidade técnica, num afã de dominar a natureza através do cálculo

² Sobre o argumento do criador, q.v. DOMINGUES, Ivan. *Formas de racionalidade e estratégias discursivas das ciências humanas na contemporaneidade*. Tese de habilitação para professor titular da UFMG. Obs.: Esta conceituação de religião natural, totêmica e representação é do Prof. José Henrique.

matemático, sepulta a magia do mundo. Haveremos de demonstrar tais proposições segundo a teoria do sociólogo Max Weber, com base nas seguintes obras: *Ciência e política, duas vocações e Ética protestante e o espírito do capitalismo*. Para tornar a nossa exposição pedagogicamente clara abordaremos o **Desencantamento do mundo** através do seguinte itinerário: o **Desencantamento do mundo** pelas vias da religião e da ciência.

DESENCANTAMENTO PELA RELIGIÃO

No tempo daquelas religiões - da natureza e totêmica – o homem usava, num mundo encantado, a magia, num variado espectro de rituais, para coagir os deuses a fim de conseguir realizar os seus objetivos terrenos, tal como nos mostra a seguinte análise feita por Weber:

(...) o encantamento [Zauber] não só era meio terapêutico, como também servia para produzir nascimentos, e particularmente nascimentos masculinos, para passar nos exames ou para assegurar a consecução de todo tipo de bens terrenos imagináveis – encantamento [Zauber] contra o inimigo, contra os competidores eróticos ou econômicos; encantamento [Zauber] para o orador ganhar a causa jurídica, encantamento [Zauber] do credor para pressionar a execução do devedor, encantamento [Zauber] para conseguir do Deus da riqueza o sucesso das empresas. Tudo isso na forma grosseira da magia de ataque [Zwangsmagie] ou na forma refinada da persuasão de um Deus ou demônio funcional por meio de oferendas.³

³ WEBER, Max, *Gesammelte aufsätze zur religionssoziologie* I, Tübingen, Mohr, 1988, p 370-1 e *Ensayos sobre sociologia de la religión*, 3 vols, Madrid, Taurus, 1984, p 353. Apud Pierucci, Antônio Flávio, *O Desencantamento do mundo, todos os passos do conceito em Max Weber*, São Paulo, Editora 34, 2003, p. 128.

Este mundo cerzido e cinzelado pela magia dava-lhe um encantamento, tornava-o um “Jardim Encantado”, ao mesmo tempo em que produzia uma orientação pragmática para a vida do homem, numa racionalização orientada para fins:

Quando alguém apela para intervenção mágica, a idéia já é a de garantir o resultado que se quer com a ação extraordinária, Weber classifica-a como uma ação *subjetivamente racional* em relação a fins (...) Um mundo mágico assim tão pragmático como de fato é, só pode aparecer (paradoxalmente?) como pobre em significação, pois afinal os bens que as pessoas procuram obter com a magia preenchem realmente a definição do que sejam fins indiscutivelmente racionais: dinheiro, comida, saúde, longevidade e descendência. A magia tem a seu favor esta racionalidade dos fins.⁴

Podemos, então, inferir dessas citações as características de um mundo imerso na magia: este mundo tem um encantamento que o aproxima de um “Jardim Encantado”, metáfora dado por Weber à civilização asiática; os deuses estão a serviço do homem, portanto passíveis à coação, que para se obter uma “graça divina” basta coagi-los quer por oferendas, quer simplesmente por meio de um discurso calcado na retórica, que ela (a magia) tem uma racionalidade orientada para fins. Ainda assim Weber associa o mundo da magia como o reino do *irracional* e do *tradicional*.⁵ Há que se indagar: se o mundo tem uma racionalidade orientada para fins, como se pode classificá-lo, então, como o reino do irracional? Weber: ela (a magia) tem fins racionais – fins econômicos.⁶ Esta racionalidade não abarca toda a vida do homem nem econômica nem religiosamente, mesmo porque Weber preconiza que o mundo mágico é um mundo localizado no campo, na natureza, e os camponeses são os portadores dessa forma de religiosidade primordial, que é a magia. A atividade econômica desenvolvida por eles é pouco suscetível de uma sistematização racional.⁷ Donde se conclui que esta racionalidade para fins é uma racionalidade suplicante, os fins são

⁴ PIERUCCI, Flávio Antônio. *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 74 e 75.

⁵ PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p.75.

⁶ PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p.75.

⁷ PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p.76.

realizados através de rituais, de oferendas e “preces”, que exclui todo um processo de sistematização racional tanto do processo produtivo quanto das relações intramundanas. Weber acrescenta, como veremos mais adiante, que a magia é um estorvo para o desenvolvimento da economia, exatamente por falta de uma racionalidade sistêmica, que esteja no cerne da economia e das relações sociais. O magismo para Weber, para além de ter uma racionalidade voltada para fins, “é uma forma *irracional* de busca da salvação”.⁸ Esta é a tese que defendemos no início de nossa exposição: a religião tem um papel fundamental na sobrevivência do homem, tanto na terra, e aqui as atividades econômicas têm uma importância capital, quanto para a vida eterna, para esta finalidade o passaporte para o paraíso é emitido pela religiosidade, através do poder de uma divindade.

A superação da magia como um estorvo ao desenvolvimento da economia vem na esteira dos problemas que surgiram com o advento da *polis*⁹ (cidade), que para resolvê-los foi necessário criar uma racionalidade que pudesse dar conta de sanar os entraves que surgiram da necessidade do homem de viver em sociedade, tais como: os conflitos oriundos da relação de poder entre os homens, a carência de um mecanismo que pudesse organizar e dar coesão à sociedade, de tal modo que a própria sociedade pudesse se autogovernar; decifrar os mistérios da origem do cosmos, posto que a explicação dada pela mitologia não convence mais o homem *urbano*; resolver os problemas da escassez de produção, e a falta de um *metron* (medida) que pudesse dar uma certa equidade nas relações de trocas comerciais. A racionalidade também tem que resolver um problema crucial do homem que vive na *polis*: que é criar uma *Paidéia* (educação) que pudesse ensinar o homem a agir com correção no interior da cidade, numa dimensão crivada pela ética.

⁸ PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p.76.

⁹ Sobre os problemas que apareceram com o surgimento da *polis* queira ver VERNANT, Jean-Pierre, *As origens do pensamento grego*, Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil. 1996.

A primeira sociedade a enfrentar estes desafios e conseqüentemente colocar a razão no centro da cultura ocidental foi a grega¹⁰. É neste ambiente de efervescência que surgiu a filosofia, que forneceu propostas satisfatórias para aqueles problemas na esfera da política, da ética, na questão cosmológica, e para a educação dos cidadãos, bem como dilatou vários campos da ciência (episthême). A filosofia é a mãe de todas as ciências. De uma forma superficial mostramos como a razão foi posta como alicerce do mundo artificializado pela ação do homem em suas várias atividades.

Agora vamos abordar como surgiu a religião racionalizada e as conseqüências desse processo na relação do homem com o mundo, com as vidas terrena e eterna.

Como surge uma religião racionalizada? A gênese de uma religião ocorre quando o homem altera a sua percepção do mundo, ou seja, quando ele cria uma nova idéia do mundo. Mas o que são idéias para Weber?

Idéias são aqueles pontos de vista suprapessoais que articulam os aspectos fundamentais da relação do homem com o mundo. Em sentido amplo, elas são ‘imagens de mundo’, mais precisamente, elas devem sua existência à necessidade, e à busca, intelectual de uma narrativa coerente do mundo e, como tal, são criadas predominantemente por grupos religiosos, profetas e intelectuais.¹¹

A primeira religião racionalista que surgiu foi a judaica, que subverte a visão monista (este mundo, mundo único, visão animista) de mundo sustentada pela magia, “para a qual o mundo dos espíritos faz parte do mundo dos humanos tanto quanto os animais e vegetais, uma vez que não existe seres inanimados, tudo que existe tem alma (*ânima*); para implantar uma “idéia” dualista de mundo (este mundo e o paraíso) centrada num Deus único”.¹² Para além de fazer esta divisão de mundo, o judaísmo, uma religião revelada por Deus aos profetas eleitos, introduz no mundo uma nova

¹⁰ Queira ver a obra clássica sobre este tema: JAEGER, Werner, *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

¹¹ TENBRUCK, apud, PIERUCCIO *desencantamento do mundo*, p. 92.

¹² PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p. 69,70,71.

“idéia” de salvação, que para tanto será necessário que se obedeça às leis de Deus. “No monoteísmo, ao contrário do politeísmo, há uma só lei, a lei de Deus, que se aplica com igualdade a todos e uma só ordem cósmica e social e assim surge a ética, que estuda as ações dos homens em sociedade, numa religião eticizada”.¹³ Agora o homem tem meios mais eficientes para alcançar a salvação, basta para tanto cumprir rigorosamente as leis que expressam a vontade de Deus. Este Deus único é o juiz das ações dos homens, quem não obedecer aos mandamentos D'ele será severamente castigado e como punição poderá viver uma danação terrena, ou ter a morte eterna. A ética, através de uma teleologia (fim último) voltada para a salvação no paraíso celestial, racionaliza toda a estrutura da sociedade.

Se com a ética religiosa o homem pode almejar a imortalidade, resta-lhe dominar a natureza para poder subsistir-se na terra, para tanto será necessário criar novas tecnologias que lhe permitam ampliar a produção e expandir a comercialização através de uma racionalidade e um planejamento próprios para estes fins. Ao longo dos anos, o homem desenvolveu uma racionalidade que lhe possibilitou criar novas máquinas e equipamentos, bem como racionalizar e controlar os meios de produção, esta evolução racional culminou com a revolução industrial ocorrida na Inglaterra no século 18.

O judaísmo e o cristianismo foram início do processo de demagificação do mundo e o fim foi com o calvinismo, que radicalizou o uso da razão como fundamento religioso e criou uma ética extremante severa para com os fieis, calcada numa ascese intramundana (controle rigoroso da conduta humana) e no trabalho como vocação, que abriram o caminho para a salvação. Com a teoria da predestinação¹⁴, Calvino põe o homem numa dimensão de profundo isolamento social. De acordo esta teoria, Deus

¹³ PIERUCCI. *O Desencantamento do Mundo*, p. 107-108.

¹⁴ Sobre a teoria da predestinação queira ver, WEBER, Max, *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2003, p. 55.

traçou o destino de todos os homens antes mesmo de seus nascimentos, uns serão eleitos por Ele para viverem a vida eterna e outros na danação eterna, ou morte eterna. Como que o homem sabe que é um eleito ou um condenado? Resposta: pela fé! Como que ele saberá que sua fé é a verdadeira fé? Pelas obras que ele pratica em sociedade! Para se praticar boas obras é preciso praticá-las durante todo o curso da vida, é uma vida de obras, e não uma obra de uma vida. É o trabalho como vocação ou um *calling* de Deus (chamamento de Deus). O Trabalho, para as igrejas reformadas, é uma exaltação a Deus. O trabalho como vocação é uma profissão que Deus concede aos homens para que ele a exerça durante toda a vida. Tem-se que trabalhar duro todos os dias, sem descanso, e todos os produtos devem ser produzidos com a máxima qualidade. Quem não produz com qualidade prejudica o próximo, isto pode ser um sinal do pecado, e pode revelar que o trabalhador foi condenado à morte eterna. Todos devem trabalhar para a glória de Deus, mesmo quem for predestinado para a danação eterna, porque o fruto do trabalho é indispensável à sociedade, é um bem que se presta a todos. Weber: “a atividade social do cristão no mundo é unicamente uma atividade *in majorem glorium Dei*, este caráter é assim partilhado pelo trabalho na vocação que serve à vida em comunidade”.¹⁵

O puritanismo através da ética, da moral, do trabalho como vocação, numa atividade *hardwork* despoja o mundo de toda a sua magia, por meio de um longo e complexo processo de racionalização, tal como nos mostra a seguinte citação weberiana:

Para apreciar o nível de racionalização que uma religião representa podemos usar dois critérios básicos, que se inter-relacionam de várias maneiras. O primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é o grau de coerência sistemática que imprime à relação entre Deus

¹⁵ WEBER. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 60.

e o mundo e, em consonância com isso, a sua própria relação ética com o mundo.¹⁶

No que se refere ao primeiro caso, o protestantismo combateu com toda tenacidade a magia, como numa “guerra” à feitiçaria, de tal forma que ele consegue desalojar a magia dos domínios da sua religião. Outro fator que vai concorrer para a extirpar a magia do mundo é a ética ascética intramundana do protestantismo, fundada na teoria da predestinação e no trabalho como vocação. Estas duas vertentes vão contribuir em muito para alterar a percepção do homem em relação a Deus e ao mundo ou entre Deus e o mundo. A consequência em relação ao mundo: o mundo desalojado de magia é um mundo desencantado¹⁷, este é um dos conceitos de desencantamento do mundo, que posto na dimensão religiosa e científica, como veremos no próximo capítulo, este conceito ganha uma maior elasticidade. Abordaremos, então, na ótica da religião, alguns conceitos de desencantamento do mundo. Na *Ética protestante* Max Weber conceitua desencantamento do mundo como desmagificação do mundo, porém com acréscimo de um “complemento nominal” caracterizado como meios mágicos de salvação:

Aquele grande processo histórico-religioso da eliminação da magia do mundo que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento helenístico, repudiou todos os meios mágicos de salvação como superstição e pecado, chega aqui à sua conclusão lógica.¹⁸

As religiões monoteístas, judaísmo, catolicismo e igrejas reformadas, ao combater a magia, o alvo delas é, certamente, colocar um só Deus no centro da vida humana, e para realizar tal fim é necessário lutar contra o politeísmo e conseqüentemente derrotar as suas divindades mitológicas. Assim teremos um outro conceito de desencantamento do mundo, um mundo sem deuses mitológicos:

¹⁶ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 116.

¹⁷ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 117.

¹⁸ WEBER. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, p 58.

Desencantamento entendido antes de mais nada como desencantamento do *mundo natural*, como aquele grande trabalho sistemático a que lança o pensamento científico (...) de acossar para sempre a ilusão mítico-arcaica de que existe um sentido cosmológico inerente ao mundo natural. Desencantamento, portanto, como “desmitologização”.¹⁹

A ética protestante, a teoria da predestinação e o trabalho como vocação foram fatores de relevância para o processo de desencantamento do mundo, isto porque vão produzir uma imagem ímpar de homem, pertinente para tal fim:

O asceta intramundano é uma racionalista, tanto no sentido de uma sistematização racional de sua própria conduta de vida, quando no sentido da rejeição de tudo o que é eticamente irracional, seja artístico, seja pessoal-sentimental, dentro do mundo e de suas ordens”.²⁰

Para além de ser um homem racionalista do ponto de vista ético, que busca vigilante um domínio metódico da sua própria conduta de vida, ele é um *hardwork*: “despreza-se, portanto, o desfrute da riqueza, considerando-se como “vocação” a economia gerida de modo ético-racional e levada sob rigorosa legalidade, cujo êxito, isto é, o lucro, torna possível a bênção de Deus ao trabalho do homem piedoso...”²¹ Como já dissemos anteriormente, o trabalho como vocação é dedicado à glória de Deus. Não há descanso, nem prazeres mundanos, até mesmo a procriação é desapaixonada, o objetivo do asceta puritano é “trabalhar, poupar tudo que pode, gastar tudo que pode e dar tudo que pode, para assim crescer na graça de Deus e amearhar um tesouro no céu”.²² Em síntese, esta visão de homem pode ser expressa assim: o homem é um administrador, uma máquina de ganhar dinheiro, responsável e cumpridor do dever²³; este homem é orientado a agir sob a égide das virtudes da ética protestante: a *honestidade*, não se permite, no tipo ideal weberiano, o desonesto, o procrastinador, o preguiçoso, o sem visão de empreendedor na busca por novos negócios e da riqueza.

¹⁹ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 162.

²⁰ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 96.

²¹ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 96.

²² WEBER. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 96.

²³ WEBER. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 93.

A teoria da predestinação projeta os objetivos do homem para o além mundo, portanto ele vaga neste mundo como um *easyrider* (sem destino) como um ser isolado, atomizado, habitando uma região abissal, isto porque ele não é capaz de reconhecer sinais exteriores de que ele é um eleito ou um condenado por Deus. A razão humana é impotente para conhecer os desígnios de Deus; além disso o homem tem que trabalhar para um mundo sem sentido e se pôr como um “santo” para ser membro de uma igreja invisível e para agravar esta situação de isolamento, não há remissão para os seus pecados. Aqui encerra um grande paradoxo do puritanismo: o homem trabalha para a glória de Deus, vive como um “santo invisível”, mas isolado no mundo, projetando para o futuro do além uma salvação que ele não pode ter certeza que ela ocorrerá. Há que se observar que o homem no uso da razão desmagificou o mundo com esta finalidade. Esta foi a consequência da racionalidade religiosa do homem. Como Max Weber cita Tolstói, poder-se-ia dizer, porém parafraseando Dostoiévski: a racionalidade religiosa foi um **Crime** e o “santo invisível” ou *easyrider* terrestre, o **Castigo**.

A religião desencantou o mundo ao despojar-se da magia, dos rituais sacramentais, dos mitos, ao tornar o mundo sem sentido e também ao criar uma moral intramundana calcada no trabalho como vocação e na predestinação. Cabe-se indagar, qual é a visão de mundo que ficou com todo este processo de racionalidade religiosa, numa perspectiva puritana? Resposta: “O mundo como um todo permanece, do ponto de vista ascético, uma *massa perditionis* [...] que, justamente por ser o vaso natural do pecado e da luta contra ele, uma ‘tarefa’ para a comprovação da disposição ascética. O mundo permanece em seu desvalor de criatura [...]”.²⁴ O mundo, para os puritanos, é podre e corrupto, o lugar do sofrimento, no entanto é o lugar próprio para o asceta mostrar a sua disposição de caráter ou sua reta razão, não para mudá-lo, evidentemente, mas somente para agir para a glória de Deus, isto porque o mundo que

²⁴ WEBER, Max, Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 96.

ele almeja é o além mundo. A salvação, neste quadro degradante, fica a cargo da vontade inefável e inteligível de Deus. Este Deus puritano, ao contrário das deidades mágicas, não pode ser coagido pelos homens. Os homens é que são coagidos por Deus.

Desta forma procuramos responder as nossas indagações iniciais: qual é a consequência para a vida do homem em função deste processo contínuo de racionalização de suas atividades no mundo? Qual é a visão de mundo? E por último, como o homem terá garantido a sua salvação eterna? Síntese do que já foi demonstrado: resposta à primeira indagação: o homem é um ser isolado, atomizado, vive num abismo, trabalha com afinco, numa atividade vocacional imutável, para a eterna glória de Deus: Segunda indagação: o mundo é um lugar da corrupção, do pecado e da danação humana; não tem sentido nem magia. Terceira: a salvação do homem para a vida eterna é uma incógnita, posto que não se pode, pela razão humana, desvelar a vontade do Criador. O homem já tem o seu destino traçado e só Deus o conhece.

DESENCANTAMENTO DO MUNDO PELA CIÊNCIA

Nós vimos como a religião desencantou o mundo ao despojar-se da magia através de um longo processo histórico de racionalização. Sabe-se que a ciência caminhou concomitantemente com religião neste percurso de desmagificação do mundo. Então cabe-nos investigar qual é o papel da ciência na consecução desta tarefa e quais foram a consequência da ação da ciência na vida do homem e finalmente qual é a visão de mundo que está subjacente no embasamento teórico que reveste as diversas metodologias científicas.

A magia foi um estorvo para o desenvolvimento do capitalismo, porque os homens usavam os rituais mágicos como instrumentos de fomento para as suas atividades

agro-pastoris. Foi preciso que os hebreus criassem uma religião racionalista fundamentada em revelações divinas e posteriormente os gregos colocarem a razão no centro da cultura ocidental, para que houvesse uma maior teorização dos processos produtivos e econômicos, e como toda teoria necessita de uma razão que lhe seja pertinente, o homem criou para tal finalidade a *razão poética* (produtiva), que teve maior relevo a partir do renascimento da ciência ocorrido na Itália no século XVI, mas que abarca todas as atividades produtivas na revolução industrial inglesa, que teve início no século XVIII e o apogeu no século XX, através do avanço da física nuclear, da química e da biologia, que criaram centenas de máquinas que contribuíram para aumento da produção em série em escala mundial.

É neste quadro de profundas mudanças na ciência e tecnologia que Max Weber fez uma crítica ácida à ciência, afirmando que o desencantamento do mundo provocado pela ciência é mais pernicioso do que o originado pela ação da religião: isto porque na teologia o mundo é dotado de sentido, ao passo que a ciência não nos dá um sentido para o mundo, nem mesmo se sentido existe:

Quem ainda acredita - com exceção de algumas crianças que encontramos justamente entre especialistas - que os conhecimentos astronômicos, biológicos, físicos ou químicos podem ensinar-nos algo a respeito do sentido do mundo ou poderiam ajudar-nos a encontrar sinais deste sentido, se é que existe.²⁵

Um mundo desalojado de sentido, este é o conceito *stricto sensu* de desencantamento do mundo pela ciência, de acordo com Weber. Ao citar Tolstói, Weber faz uma análise mais contundente sobre o sentido da ciência como vocação, acentuando que ela não nos responde a mais simples indagação, que é o que nos interessa: “*O que devemos fazer? Como devemos viver?*”²⁶. A religião dá uma prescrição para estas duas inquições, podemos encontrá-la (a prescrição) na *Ética protestante: se o que*

²⁵ WEBER, Max, *Ciência e política, duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

²⁶ WEBER. *Ciência e política, duas vocações*, p. 43.

devemos fazer é colocado sob a perspectiva do mercado de trabalho, temos duas soluções: a primeira, é descobrir uma profissão vocacional e a segunda, trabalhar duro (hardwork) em nome de Deus e adaptar-se às leis de mercado; sobre a *pergunta como devemos viver*, a resposta é: viver como um “santo” na perspectiva de um eleito de Deus para ter a vida eterna, trabalhando, enriquecendo, poupando tudo que pode, gastando tudo que pode, doando tudo que pode e sendo honesto. Já a ciência, segundo Max Weber, não nos dá um sentido nem para o mundo, nem mesmo para a vida, isto porque “(...) estão destruídas todas as ilusões que nela divisavam a via que conduz ao ‘ser verdadeiro’, à ‘verdadeira arte’, à ‘verdadeira natureza’, ao ‘verdadeiro Deus’, e à ‘verdadeira felicidade’”. Enfim, estamos num mundo desmagnificado pela atuação da religião; sem sentido, sem uma via de acesso às ilusões em função da ação da ciência. Estamos presos numa “grade” de ferro”, segundo a metáfora de Weber.

Qual é, então, o papel da ciência? Qual é a visão que a ciência tem de mundo, posto que não nos diz o que fazer e como viver, como foi demonstrado? E, finalmente, qual é a relação da ciência na relação vida-morte?

O papel da ciência para Max Weber é “(...) pôr à nossa disposição um determinado número de conhecimentos que nos permitam dominar tecnicamente a vida através de previsão, (...) bem como contribuir para a “clareza”, (...) método de pensamento, ou seja, os instrumentos e uma disciplina, bem como os meios para se alcançar os fins”.²⁷ Esta definição circunscrita no papel da ciência vai gerar uma consequência extraordinária para as pretensões do homem, principalmente que no tange à manutenção de sua vida: a partir de então ele poderá dominar tudo através da previsão, isto encerra, de certa forma, a discussão sobre a contingência. O homem, com este processo de intelectualização (de recorrer à técnica e à previsão), tendo auxílio de uma “ciência utilitarista” como motor, calcada numa razão *poética*, porá

²⁷ WEBER. *Ciência e política, duas vocações*, p. 52.

em movimento perpétuo, como um *moto continuo*, o progresso tecnológico. Só que este processo tecnológico é autofágico, isto porque uma nova tecnologia pede, na concepção de Weber, para ser superada: “toda obra científica acabada” não tem outro sentido senão o de fazer outras indagações. Portanto, ela pede que seja “ultrapassada” e envelheça”.²⁸ “Isso vale para as ciências humanas, mais ainda para as ciências naturais, (...) que a finalidade não é outra que a de dominar o mundo natural e o mundo cotidiano pela técnica”.²⁹

Sobre a visão que a ciência tem do mundo: se ela parte do pressupostos, e toda ciência os tem, que pode dominá-lo através da previsão e do cálculo é que ele não passa de uma *res extensa* ou o pronome inglês *it* e só, portanto uma "coisa" que pode ser produzida, vendida, para se ter lucro, ou obtenção da riqueza. . O mundo para a ciência é desprovido de sentido. Segundo Pierucci isto ocorre porque a ciência não nos pode fornecer uma cosmovisão doadoras de sentido ao mundo e à vida dos humanos. A ciência é sem sentido, é alheia ao divino, e o seu fruto, o conhecimento científico, é sem telos, e também transitório.³⁰ Esta ação da ciência faz com que, segundo Weber, o mundo seja desencantado da forma mais atroz, porque não existe possibilidade de a ciência nos oferecer um sentido para a vida, um sentido para o mundo, mesmo porque ela não os tem, a não ser o de produzir um conhecimento que nos permite manufaturar alguns utensílios que perecerão em poucas décadas, e é justamente nesta evolução permanente que reside o problema de sentido da ciência:

(...) a ciência moderna é uma sabença auto-reflexiva que desencanta o mundo ao mesmo tempo que desencanta a si mesma, produzindo-se reproduzindo-se de forma ampliada em ciência desencantada.³¹

²⁸ WEBER. *Ciência e política, duas vocações*, p. 36.

²⁹ PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p 158.

³⁰ PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p. 154-157.

³¹ WEBER Apud PIERUCCI. *O desencantamento do mundo*, p 164.

A relação da ciência com a vida e a morte: com o fluxo contínuo do progresso científico, criou, ao nosso julgamento, no homem um sentimento de que querer é poder, que basta a ciência querer prolongar a vida, que ela poderá, vide a metáfora do Frankenstein. Esta percepção ingênua teve a seguinte consequência para o homem:

Em virtude disso, a seus olhos, a morte é um acontecimento que não faz sentido. Como a morte não faz sentido, também a vida do civilizado não o faz, já que a “progressividade” sem significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação”.³²

Desta forma nós abordamos o desencantamento do mundo pela religião e pela ciência, bem como as consequências para o homem em seu afã de conseguir uma garantia para a manutenção de sua vida terrena, bem como para o seu desejo de imortalidade: ficou isolado num mundo desmágico pela religião, se sentindo um “santo” num abismo colossal, pedindo clemência para a divina providência; e habitando a superfície de um mundo sem significado, dominado por uma ciência que não pode lhe dar significado nem lhe dar vida eterna. Talvez, cremos, a solução para se abrir as portas desta gaiola de ferro, tal como defendera Weber ao fim da *Ciência e política* é:

aquele que não é capaz de suportar estoicamente esse sistema de nossa época, resta apenas dar o seguinte conselho: volte em silêncio, sem dar a teu gesto publicidade habitual dos renegados, com simplicidade e recolhimento, aos braços abertos e cheios de misericórdia das velhas igrejas. Elas não tornarão penoso o retorno.³³

Recebido em: 26/04/23 - Aceito em: 30/06/23

³² WEBER. *Ciência e política, duas vocações*, p. 39.

³³ WEBER. *Ciência e política, duas vocações*, p 58.

BIBLIOGRAFIA

Jaeger, Werner, Paideia. São Paulo: Martins Fontes, 2003

PIERUCCI, Flávio Antônio. *O Desencantamento do Mundo*. São Paulo: Editora 34, 2003.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2001.

_____. *Ciência e Política – Duas Vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____, *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone Editora, 2019.